**Excelentíssimo Senhor Ministro Edson Fachin, Relator da Ação Penal nº 1.003 – Distrito Federal**

**1. Ernesto Kugler Rodrigues**, já qualificado nos autos em epígrafe, por seus Advogados ao final assinados, em atenção à r. decisão publicada em 4 de dezembro de 2017, no prazo legal, vem respeitosa­mente apresentar **Alegações Finais,** o que faz de acordo com os fatos e fundamentos que passa a expor, requerendo ao final.

**2.** **Síntese do Caso Penal**

 **2.1.** O anterior Procurador-Geral da República denunciou Paulo Bernardo Silva (doravante Paulo Bernardo), Gleisi Helena Hoffmann (doravante Gleisi) e **Ernesto Kugler Rodrigues** (doravante **Ernesto**) pela suposta prática de **um crime** de **corrupção passiva** (*art. 317 c/c art. 327, §2º do CP*) e **um delito** de **lavagem de capitais** (*art. 1º, caput e §4º da Lei 9.613/98*), os quais teriam sido em tese cometidos na forma dos artigos 29 e 69 do Código Penal.

Pede-se licença para tomar como resumo do caso o **relatório do acórdão** que recebeu a denúncia:

A **acusação alega**, em **síntese**, que, no **ano de 2010**, os **denunciados**, em unidade de desígnios e conjugação de esforços, **solicitaram e receberam vantagem indevida**, no importe de R$ 1.000.000,00 (um milhão de reais), soma **destinada à campanha eleitoral da acusada Gleisi Helena Hoffmann ao Senado Federal**. Referido “***montante*** *era* ***oriundo do esquema de corrupção e lavagem de dinheiro estabelecido na Diretoria de Abastecimento da Petrobras****, na época ocupada por Paulo Roberto Costa*” (fl. 785), sendo que “***parte dessas quantias ilí­citas era repassada a agentes políticos*** *[...]* ***com auxílio de seu ope­rador Alberto Youssef, a fim de assegurar a sua permanência no cargo e a manutenção do esquema criminoso***” (fl. 785).

Acrescenta, ainda, que o repasse da aludida quantia tinha o objetivo de manter Paulo Roberto Costa na Diretoria de Abastecimento da Petrobras, “*seja com a* ***não interferência nessa nomeação e tampouco no funcionamento do esquema criminoso****, seja com* ***fornecimento de apoio político para sua sustentação****, tanto por parte de* ***Gleisi Helena Hoffmann****, então* ***forte candidata ao Senado*** *e* ***figura expoente do Partido dos Trabalhadores****, como por parte do seu cônjuge,* ***Paulo Bernardo Silva****, então* ***Ministro de Estado e quadro forte da mesma agremiação partidária****, am­bos* ***potenciais ocupantes de funções de relevo no Governo Federal***” (fl. 786).

O Ministério Público assevera, em continuidade, que, na divisão das tarefas, “***Paulo Bernardo Silva encarregou-se de transmitir a solicitação da vantagem indevida a Paulo Roberto Costa****, no início de 2010, em local não precisamente identificado, e de coman­dar o seu recebimento,* ***enquanto Ernesto Kugler Rodrigues encarregou-se de receber materialmente a propina****, ao longo de 2010, em Curitiba,* ***a qual se destinava a custear a campanha eleitoral de Gleisi Helena Hoffmann****,* ***em favor de quem ambos atuavam***” (fl. 786).

Segundo a acusação, **o pagamento da vantagem indevida foi ordenado por Paulo Roberto Costa e teria sido operacionallizado por Alberto Youssef**, **mediante estratégias de lavagem de dinheiro, após o recebimento de quantias ilícitas das empresas que manti­nham contratos com a Petrobras**. Ainda de acordo com a denúncia, **Alberto Youssef utilizou-se dos serviços de Antonio Carlos Brasil Fioravante Pieruccini, para transportar os valores, em espécie, de São Paulo a Curitiba**, repassando ao denunciado Ernesto Kugler Rodrigues - terceiro, sem vínculo formal com a campanha da acusada Gleisi Helena Hoffmann -, tendo ocorrido quatro entregas, cada uma delas de R$ 250.000,00 (duzentos e cinquenta mil reais), entre o início de 2010 e as eleições daquele ano. Toda essa **sistemática de pagamento e disponibilização dos valores** revelaria a ocultação e dissimulação da natureza, origem, movimentação e propriedade das quantias ilícitas provenientes de pagamentos de propina (corrupção passiva), o que caracterizaria o **crime de lavagem de capitais**.

O Procurador-Geral da República requer, ao final, a condenação dos denunciados pelos crimes descritos no art. 317, § 1º, c/c art. 327, § 2º, do Código Penal, e art. 1º, caput e § 4º, da Lei 9.613/1998, combinados com os arts. 29 e 69 da Lei Penal, além da “reparação dos danos materiais e morais causados por suas condutas, nos termos do art. 387, inciso IV, do Código de Processo Penal” (fl. 827).

(**INQ 3979, Segunda Turma, Relator Min. Teori Zavascki, julgado em 27/09/2016**)

 Esse é o limite do caso penal submetido a julga­mento, levando em consideração a decisão que recebeu a denúncia e instaurou o processo crime contra os acusados, pois a denúncia é um projeto de delimitação da sentença que deve ser obrigatoriamente respeitado pelo Juiz, salvo nas hipó­teses de emenda ou alteração do libelo.

 No presente caso, porém, as alegações finais da PGR apresentaram nova versão para os fatos, caracterizando, assim, (*indevida*) alteração da imputação e ofensa ao princípio da correlação.

 **2.2.** Como será demonstrado, o caso é de absolvição do acusado Ernesto. **Seja** porque a própria narrativa acusatória que integra a imputação conduz à atipicidade das condutas que lhe são impostas, **seja** porque a instrução processual demonstrou a absoluta inexistência de fatos típicos e provas acima de dúvida razoável para os crimes do art. 317 do CP e do art. 1º, §4º, da Lei 9.613/98.

 De fato. A acusação **não** **demonstrou** a ocorrência de fatos típicos para o delito de *corrupção passiva*, seja na própria imputação, seja no curso da instrução processual penal, **notadamente**: (**i)** parti­cipação em solicitação ou recebimento de vantagem indevida por agente público ou em favor de agente público; (**ii)** existência de ato compreendido na esfera de atribuições (*função*) de agente público.

 E no que se refere à acusação de *lavagem de capitais*, igualmente **não** há prova da ocorrência dos fatos descritos na denúncia, os quais, aliás, são atípicos na própria descrição levada a efeito pela PGR, e muito menos de que Ernesto tenha concorrido para a concretização de qualquer ato típico para o delito previsto no art. 1º da Lei 9.613/98.

**3. Delimitação do fatos considerados típicos pela acusação. Corrupção passiva, art. 317 do Código Penal. Absolvição que decorre da própria narrativa contida na denúncia.**

 O tipo de corrupção passiva tem a seguinte redação:

*Art. 317 -* ***Solicitar*** *ou* ***receber****, para si ou para outrem, direta ou indiretamente, ainda que fora da função ou antes de assumi-la, mas em razão dela, vantagem indevida, ou* ***aceitar promessa de tal vantagem****:*

*Pena - reclusão, de 1 (um) a 8 (oito) anos, e multa.*

*Pena - reclusão, de 2 (dois) a 12 (doze) anos, e multa. (Redação dada pela Lei nº 10.763, de 12.11.2003)*

*§1º - A pena é aumentada de um terço, se, em conseqüência da vantagem ou promessa, o funcionário retarda ou deixa de praticar qualquer ato de ofício ou o pratica infringindo dever funcional.*

*§2º - Se o funcionário pratica, deixa de praticar ou retarda ato de ofício, com infração de dever funcional, cedendo a pedido ou influência de outrem:*

*Pena - detenção, de três meses a um ano, ou multa.*

 **3.1.**  Como disse a Excelentíssima Senhora Procuradora-Geral da República em alegações finais, em reiteração de discurso e advertência já contidos na denúncia, o caso deve ser entendido no **contexto** da *Operação Lava Jato,* notadamente no que diz respeito ao papel reservado aos colaboradores Paulo Roberto Costa, ex-Diretor da Diretoria de Abastecimento da Petrobras, e Alberto Youssef.

 Segundo a acusação – *que reproduz fielmente deze­nas ou quiçá centenas de petições do MPF* – as maiores empreiteiras do Brasil reuniram-se em **cartel** para dominar o mercado de obras da Petrobras (*art. 4o da Lei 8.137/90).* A partir da escolha dos empreendimentos, as empresas atuariam em concerto para **frustrar o caráter competitivo das licitações** nas grandes obras da estatal (*art. 90 da Lei 8666/93*).

 A fim de **permitir a livre atuação do cartel**, os **empresários teriam oferecido ou prometido** altas somas a título de **propina** a **diretores da Petrobras**, notadamente Paulo Roberto Costa (*Diretoria de Abastecimento*) e Renato Duque (*Diretoria de Engenharia e Serviços*), sendo que o **valor** pago pelas empreiteiras **se destinava**, **igualmente**, ao **financia­mento de agentes e partidos políticos** para exercer **influência** e **manter** Paulo Roberto Costa à frente da respectiva Diretoria.

 Nesse quadro, para se garantir à frente da Diretoria de Abastecimento da Petrobras, Paulo Roberto Costa, estaria obrigado a efetuar o **repasse** de **parte dos valores recebidos ao grupo político** que o apoiava, formado por integrantes do Partido Progressista (PP) e, eventualmente, a membros de outras agremiações, notadamente o PT e o PMDB, sendo que o repasse era operacionalizado por Alberto Youssef, a quem cabia a função de administrar o “*caixa único da propina*”, constituído pelos valores recebidos das empreiteiras integrantes do cartel (*alegações finais da PGR, p. 24 e 31*).

 Foi **nesse contexto**, segundo a versão acusatória da PGR, reiterada em **alegações finais**, que, ***“****em data e local não precisamente identificados, mas certamente* ***no início do ano de 2010*** *(ano de eleições gerais), Paulo Roberto Costa, então Diretor de Abastecimento da PETROBRAS* ***recebeu solicitação*** *de* ***PAULO BERNARDO SILVA*** *de* ***repasse de vantagens indevidas****, para serem* ***destinadas ao custeio da campanha da esposa*** *dele,* ***GLEISI HELENA HOFFMANN****, ao Senado*” (*p. 31 das alegações finais, fl. 2.728*).

 **3.2.** Portanto, a **hipótese acusatória** da *Operação Lava Jato* descreve eventual crime de **corrupção passiva** cuja **consumação** ocorreu no momento em que Alberto Youssef, na qualidade de **cúmplice**, interme­diou o **recebimento** de **vantagens indevidas** destinadas a Paulo Roberto Costa e a **grupos políticos** que dariam **apoio** para mantê-lo no cargo de Diretor de Abastecimento da Petrobras.

 O recebimento da vantagem indevida teria ocorrido no instante em que as empreiteiras do cartel efetuaram depósitos nas contas cor­rentes das empresas *laranjas* pertencentes a Alberto Youssef. A partir desse momento, formou-se o ***caixa único de propina***, administrado por Youssef e subordinado à titularidade do Partido Progressista – PP, do qual partiram todos os repasses feitos a agentes e partidos políticos[[1]](#footnote-1).

Nesses termos, a acusação sugere hipótese de crime de corrupção passiva em **concurso formal** (art. 70 do CP), consumado medi­ante **recebimento** de vantagens indevidas destinadas a Paulo Roberto Costa e agentes políticos[[2]](#footnote-2).

 **3.3.** Não se pode ignorar que o MPF, de modo geral, afirma combater crime de *organização criminosa* formada por quatro núcleos (*polí­tico, econômico, administrativo, financeiro*), sendo que o ***núcleo político*** seria “... ***formado*** *principalmente por* ***parlamentares*** *que, utilizando-se de suas agre­miações partidárias,* ***indicava mantinha funcionários de alto escalão da PETROBRAS****, em especial os* ***diretores****,* ***recebendo vantagens indevidas pagas pelas empresas cartelizadas (componentes do núcleo econômico)******contratadas pela sociedade de economia mista****, após a adoção de estratégias de ocultação da origem dos valores pelos operadores financeiros do esquema*” (*p. 22 das alegações finais da PGR, fl. 2.719*).

 Segundo as alegações finais da PGR, em reiteração à denúncia, as operações de lavagem “... *criavam um* ***‘crédito de propina****’ perante ALBERTO YOUSSEF. O doleiro, então, tinha a* ***obrigação de efetuar o repasse dos valores aos seus destinatários****, no caso, PAULO ROBERTO COSTA, o PP e seus integrantes,* ***e ainda a outros políticos indicados por PAULO ROBERTO COSTA***” (***denúncia, p. 17-18/47; alegações finais, p. 26***, **fl. 2.723**).

 Desse modo, **sempre segundo a tese acusatória**, os valores pagos pelas empreiteiras e recebidos por Alberto Youssef destina­vam-se, desde a origem, tanto ao ***núcleo administrativo***, do qual Paulo Roberto Costa seria integrante, como ao ***núcleo político***, caracterizando hipó­tese de concurso formal.

 **3.4.** Registre-se, ainda que aqui não se esteja em análise dos elementos de prova, mas sim da mera descrição fática contida na impu­ta­ção, que os **depoimentos dos colaboradores** Paulo Roberto Costa e Alberto Youssef, colhidos durante a **instrução processual**, confirmam, neste ponto, essa versão dos fatos.

 Alberto Youssef confirma que os valores que em tese teriam sido solicitados para a campanha da acusada Gleisi “...*saíram do caixa único que eu administrava referentes a contratos da Petrobras (...) referente a dinheiro que eu recebia dos contratos da Petrobras, e eu jogava tudo ali naquele valor e transferia a quem de direito*”, bem como que esses valores eram de **acertos já feitos**, **no período anterior ao início de 2010** (fl. 2406).

 Paulo Roberto Costa, por sua vez, afirmou que os repasses aos partidos políticos foram iniciados já em 2006, tendo sido estipulado, desde aquele momento, o percentual devido (fl. 2438/v.), bem como que **o *caixa único* era formado independentemente do número de políticos ou partidos que viessem a solicitar algum tipo de repasse** (fl. 2444 e 2444/v.):

ADVOGADO 2 – Ok. Só pra um esclarecimento adicional, senhor Paulo Roberto, em relação ao mecanismo que o senhor descreveu e para a caracterização desse caixa único que o senhor comentou, que era fonte dessa distribuição posterior dos recursos...

COLABORADOR – Pois não.

ADVOGADO 2 – **É correto afirmar que esse caixa único administrado pelo Alberto era o resultado já de uma solicitação primeira que foi feita quando do acerto pra sua nomeação para a Petrobras? Correto?**

COLABORADOR **– Esse caixa único era o percentual que competia ao PP, principalmente os contratos das empresas do cartel.**

ADVOGADO 2 – **Mas esse caixa único, ele existia, ele era formado, ele decorria desse percentual, independentemente de quantos políticos ou quantos partidos, eventualmente, solicitassem, posteriormente, algum tipo de repasse?**

COLABORADOR – **Sim**.

 Portanto, o *caixa único de propina* a que alude a acusação era resultado do recebimento **anterior** de vantagens indevidas a Paulo Roberto Costa, por intermédio de Alberto Youssef, para que fossem **posteriormente** repassadas “*a quem de direito*”, segundo a expressão utilizada por Alberto Youssef.

 **3.5.** Em sede de **alegações finais**, a PGR afirmou que a corrupção passiva atribuída aos acusados Paulo Bernardo e Gleisi teria se caracterizado:

 “*(i)* *...* ***ao receber vantagens indevidas pagas pelas empreiteiras integrantes do cartel****, por* ***intermédio de doleiros****, como* ***Alberto Youssef****, em* ***troca do seu apoio político para manutenção de Paulo Roberto Costa na Diretoria de Abastecimento da PETROBRAS****. Tratava-se de uma remuneração pela viabilização do funcionamento do esquema de corrup­ção e lavagem de dinheiro já descrito. Nesta hipótese, o* ***ato de ofício*** *do crime de corrupção passiva consistiu em* ***conceder permanente apoio político para viabilizar a indicação e, em seguida, a manutenção de Paulo Roberto Costa na Diretoria de Abastecimento da PETROBRAS****...*”

e ao **concorrer**

 “(ii)... ***para a corrupção passiva comprovadamente praticada por Paulo Roberto Costa*** *na condição de* ***Diretor da Diretoria de Abastecimento da PETROBRAS****. De fato, ambos foram, com vontade livre e consciente, responsáveis, na condição de* ***um dos******líderes do PT (partido do governo, responsável pela nomeação do Diretor de Abastecimento da PETROBRAS****), por* ***permitir que Paulo Roberto Costa execu­tasse o esquema de recebimento de propinas entregue a ela por empreiteiras cartelizadas*** *contratadas pela PETROBRAS. Tal* ***propina*** *era* ***direcionada não apenas a Paulo Roberto Costa****, mas* ***também ao PP, ao PT e a seus líderes****. Veja-se que, nesta hipó­tese, o* ***ato de ofício*** *do crime de corrupção passiva* ***praticado por Paulo Roberto Costa*** *em* ***concurso de agentes*** *com* ***GLEISI HOFFMANN*** *e* ***PAULO BERNARDO*** *consistia em viabilizar a contratação indevida e direcionada, pela Diretoria de Abasteci­mento da PETROBRAS, com as empreiteiras integrantes do cartel revelado pela Operação Lava Jato, em troca do recebimento de vantagens indevidas.*”

(***p. 63 das alegações finais da PGR*, fl. 2.760**).

 **3.6.** Não há dúvidas, **segundo a tese da acusação**, que o (**único**) crime de corrupção passiva imputado aos acusados, em **concurso** com Paulo Roberto Costa, **consumou-se** no **recebimento** vantagens indevidas pagas pelas empreiteiras integrantes do cartel através de Alberto Youssef.

 Vale dizer, um único crime de corrupção passiva supostamente cometido na forma do artigo 29 do CP (*concurso de agentes*) e do artigo 70 do CP (*concurso formal*).

 Nesses termos, a suposta **solicitação de repasse para a campanha da acusada GLeisi ao Senado**,*no início de 2010,* nada mais representa do que transferência (ou repasse) de “*crédito de propina*” – *expressão utilizada pela acusação* – adrede recebida, lavada e tornada dispo­nível “*a quem de direito*” – *expressão do colaborador Alberto Youssef*.

 Com o devido respeito, portanto, há uma desconti­nuidade temporal na narrativa que integra a imputação. Não é possível tentar caracterizar um crime de corrupção passiva a partir da descrição que identifica a consumação anterior dessa mesmo delito.

 Vale dizer, a prevalecer a tentativa acusatória da PGR, ter-se-ia que reconhecer a consumação dupla de um mesmo crime. Um primeiro crime consumado com a solicitação ou com o recebimento da *propina* na relação que se estabeleceu entre Paulo Roberto Costa e as grandes emprei­teiras, com intermediação de Alberto Youssef, outro que seria consu­mado quando da solicitação ou do recebimento do repasse de recursos que já integravam o denominado *caixa geral da propina*, o que teria ocorrido em momento temporal flagrantemente diverso.

 Com a devida vênia, essa construção ilógica beira às raias do absurdo, impondo-se a absolvição do acusado Ernesto que tem sua imputação limitada à alegação de ter *aderido às condutas* dos demais acusados, sem qualquer vínculo direto com o núcleo típico da corrupção.

**4. Delimitação do fatos considerados típicos pela acusação. Lavagem de dinheiro, art. 1º, §4º, da Lei nº 9.613/98. Absolvição que decorre da própria narrativa contida na denúncia.**

 **4.1.** A PGR imputou aos acusados a prática de **um** crime de lavagem de capitais, na modalidade prevista no art. 1º, *caput* e §4º, da Lei 9.613/98, cuja **redação vigente à época dos fatos** é a seguinte:

*Art. 1º Ocultar ou dissimular a natureza, origem, localização, disposição, movimentação ou propriedade de bens, direitos ou valores provenientes, direta ou indiretamente, de crime:*

*I - de tráfico ilícito de substâncias entorpecentes ou drogas afins;*

*II – de terrorismo e seu financiamento*

*III - de contrabando ou tráfico de armas, munições ou material destinado à sua produção;*

*IV - de extorsão mediante seqüestro;*

*V - contra a Administração Pública, inclusive a exigência, para si ou para outrem, direta ou indiretamente, de qualquer vantagem, como condição ou preço para a prática ou omissão de atos administrativos;*

*VI - contra o sistema financeiro nacional;*

*VII - praticado por organização criminosa.*

*VIII – praticado por particular contra a administração pública estrangeira (arts. 337-B, 337-C e 337-D do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal)*

*Pena: reclusão de três a dez anos e multa.*

(...)

*§ 4º A pena será aumentada de um a dois terços, nos casos previstos nos incisos I a VI do caput deste artigo, se o crime for cometido de forma habitual ou por intermédio de organização criminosa.*

 A denúncia narrou a suposta ocorrência do crime de lavagem em único parágrafo.

“*... A* ***sistemática de pagamento e fruição da propina****, com trans­formação em espécie das quantias pelo operador ilegal,* ***transporte oculto, entrega escondida e disfarçada a interposta pessoas e utilização para custeio de campanha eleitoral sem contabilização ou qualquer registro*** *foi concebida por todos os envolvidos para ocultar e dissimular**a natureza, origem, movimentação e propriedade das quantias ilícitas, consubstanciadas em propina (corrupção passiva), a qual foi disponibilizada por intermédio de organização criminosa*”.

(***denúncia****,* ***p. 42-43/47***)

 4**.2.** Não obstante a flagrante insuficiência da descrição contida na imputação, tangenciando a flagrante inépcia, é imperioso notar que a tese acusatória revela que os atos de lavagem de dinheiro teria sido praticados pelo denominado ***núcleo financeiro*** da Operação Lava Jato, ou seja, aquele ***formado*** ***pelos operadores tanto do recebimento das vantagens indevidas das empresas cartelizadas integrantes do núcleo econômico como do repasse dessa propina aos componentes dos núcleos político e administrativo, medi­ante estratégias de ocultação da origem desses valores.***

 Em sede de alegações finais, a PGR reitera que *“o pagamento da vantagem indevida,* ***por ordem de Paulo Roberto Costa****,* ***foi operacionalizado por Alberto Youssef,*** *que* ***era o responsável****, na estrutura da organização criminosa subjacente, por receber as propinas das empresas que contratavam na área da Diretoria de Abastecimento da PETROBRAS e por repassá-las a agentes políticos,* ***mediante estratégias de lavagem de dinheiro****.”*

 E prossegue: *“...após transformar em espécie as quan­tias ilícitas recebidas das empresas,* ***Alberto Youssef encarregou Antonio Carlos Pieruccini*** *de,* ***dissimuladamente****, transportá-las de São Paulo para Curitiba e entregá-las a Ernesto Kugler Rodrigues* ***(...)***”.

 Salta aos olhos, portanto, que a lavagem de dinheiro descrita na denúncia teria sido praticada em **momento anterior**, quando do recebimento da propina por Alberto Youssef mediante contratos dissimu­lados que permitiam o branqueamento dos valores e sua transformação em espécie para integrar o *caixa geral da propina*.

 Embora aqui não se trate de analisar a suficiência da prova, mas tão somente a narrativa da imputação, é oportuno apontar que Alberto Youssef, na instrução processual, foi claro ao dizer que após o recebimento das vantagens indevidas, pagas pelas empreiteiras do cartel, **todos os atos de lavagem de dinheiro foram realizados por ele**.Coube-lhe receber propinas através de contratos fraudulentos, transformar os valores em espécie, administrar o *“caixa de propinas*”, organizar o transporte por meios ocultos e proceder à entrega dos valores “*a quem de direito*” (fls. 2.405/2.406).

 Mais uma vez, a acusação padece de um insolúvel pro­blema de descontinuidade temporal que implica ter que reconhecer o absurdo de um valor já submetido a estratégias de lavagem de dinheiro ser con­si­derado novamente lavado, vale dizer, novo momento de consumação quando da entrega ou recebimento pelo destinatário final, seja porque transportado ocultamente, seja porque entregue em espécie e sem contabilização.

 Registre-se, ainda, que as alegadas e não demons­tradas entregas, supostamente realizadas por Antonio Carlos Pieruccini, não podem constituir crime autônomo de lavagem de capitais, nem mesmo na modalidade alternativa de quem *utiliza, na atividade econômica ou financeira, bens, direitos ou valores que sabe serem provenientes de qualquer dos crimes antecedentes referidos no art. 1º,* prevista na redação original do art. 1º, §2º, com a redação vigente à época dos fatos*.*

 Ainda que se pudesse cogitar, em tese, da fase de *integração* de valores de proveniência ilícita, caberia à acusação demonstrar que Ernesto teria conhecimento de que os valores seriam oriundos dos crimes praticados no âmbito da Petrobras. Porém, não há sequer um único elemento de convicção, mesmo indiciário, que possa sugerir tal conhecimento. A denúncia é absolutamente silente a respeito.

 De igual modo, aliás, as alegações finais da PGR, em reiteração à denúncia, omitiram-se em demonstrar um mínimo elemento de vinculação do acusado Ernesto com o contexto antecedente, limitando-se a dizer que *“esta sistemática de pagamento e fruição de vantagens indevidas foi concebida por todos os envolvidos”*. De que modo? Quando? Onde? Não há sequer uma linha acusatória a respeito.

 Como é sabido, a lavagem de capitais pressupõe a consumação de um delito antecedente, do que resulta a absoluta impossibilidade de confundi-la com a própria consumação desse delito anterior.

 Vale dizer, tratando-se de hipótese em que o delito antecedente seria uma corrupção passiva, não é possível que o recebimento ou a entrega dos valores que integram a *propina* caracterize, simultaneamente, o delito antecedente e a lavagem de dinheiro.

 Nessa quadra, tem-se que eventuais repasses de recursos destinados a concretizar o prévio ajuste de solicitação próprio da corrupção passiva integram, tão somente, o modo de exaurimento daquele delito. Nada mais.

 Essa c. Corte Suprema, no julgamento da conhecida AP 470/DF, tratou a respeito do tema. No voto da eminente Ministra Rosa Weber há a oportuna descrição do entendimento de que *“...* ***a utilização de um terceiro para receber a propina*** *– com vista a ocultar ou dissimular o ato, seu objetivo e real beneficiário –* ***integra a própria fase consumativa do crime de corrupção passiva, núcleo receber, e qualifica-se como exaurimento do crime de corrupção****.”[[3]](#footnote-3)*

 E prossegue Sua Excelência:

*(...)*

*“Nessa ordem de ideias,* ***o fato de o pagamento da propina ter sido feito com a utilização de terceiro – (...) –, não delineia por si só a lavagem de dinheiro.******A forma sub-reptícia, dissimulada, clandestina do recebimento é ínsita ao próprio crime de corrupção, e integra, na corrupção passiva – modalidade receber-, a fase consumativa deste delito”***

(...)

“*A meu juízo, contudo, presentes as peculiaridades dos casos e a explicitação dos conceitos, na forma supra,* ***inviável considerar o crime de corrupção passiva como antecedente do crime de lavagem ao feitio legal, inconfundível o recebimento da vantagem indevida de forma maquiada, pelo qual se consuma a corrupção passiva na modalidade receber, com a ocultação e dissimulação ínsitas ao tipo do crime de lavagem de dinheiro****”****.***

*(...)*

*“A* ***ocultação e a dissimulação não se resumem à utilização da pessoa interposta”****.*

 O entendimento amolda-se à perfeição ao presente caso. Ainda que se entenda possível caracterizar o delito de corrupção passiva pela suposta solicitação que teria sido feita pelo acusado Paulo Bernardo ao então Diretor Paulo Roberto Costa, o que se admite *ad argumentandum tantum*, é flagrante a atipicidade da narrativa feita pela PGR para fins do delito de lavagem de capitais porque ***inconfundível o recebimento da vantagem indevida de forma maquiada, pelo qual se consuma a corrupção passiva na modalidade receber, com a ocultação e dissimulação ínsitas ao tipo do crime de lavagem de dinheiro****”*.

 Importante observar que a própria PGR, em sede de alegações finais, na tentativa de burlar o óbice jurídico que ela própria criou com a sua imputação, confunde-se em assertivas contraditórias ao afirmar, de um lado, que *as condutas de recebimento seriam autônomas em relação à corrupção antecedente, não se revelando mero exaurimento* e, em seguida, ao afirmar que *o pagamento constitui exaurimento do crime de corrupção passiva, que se consumou, no caso concreto, com a solicitação da vantagem indevida*.

 Qual a diferença entre o recebimento e o paga­mento, no raciocínio da PGR? Não há! Trata-se de mera manipulação semântica para tentar distanciar o recebimento da alegada vantagem indevida de modo maquiado (*ou dissimulado*) daquilo que se quer caracterizar como ocultação ou dissimulação da origem ilícita dos recursos.

 Na mesma linha, deve-se observar que a alegada entrega e recebimento de valores em espécie não caracteriza lavagem de dinheiro.

 A PGR, em alegações finais que reiteram a singela referência contida na denúncia sobre o delito de lavagem de capitais, aduz que *“o recebimento da vantagem indevida, mero exaurimento do crime de corrupção, deu-se mediante outro crime, a lavagem de dinheiro,* ***por entregas de valores em espécie aparentemente lícitas****, que ocultaram e dissimularam a origem e a propriedade dos valores, de forma a lhes conferir aparência lícita”* (*p. 70 das alegações finais*, *fl. 2.767)*.

 O raciocínio é frágil e não se adequa ao Direito.

 Não há na descrição contida na imputação nenhuma outra conduta senão a entrega de valores em espécie. Não há utilização de contas bancárias em nome de interpostas pessoas, inclusive *laranjas*, não há utilização de empresas de fachada no exterior (*off-shores*), não há simulação de negócios jurídicos. Nada além da entrega de recursos em espécie.

 O e. TRF – 4ª Região, Tribunal que tem se dedicado profundamente à análise das questões fáticas e jurídicas subjacentes à deno­minada Operação Lava Jato, já teve a oportunidade de decidir a respeito do tema em caso que envolvia justamente o mesmo operador financeiro, Alberto Youssef.

 No julgamento da **Apelação Criminal nº 5023162-14.2015.4.04.7000**, Rel. Desembargador Federal João Pedro Gebran Neto, restou assentado que *“****a mera entrega em espécie do valor da propina não é suficiente para caracterizar ocultação ou dissimulação para enquadramento no tipo penal de lavagem de dinheiro****”.*

Em seu voto de revisão, o eminente Desembargador Federal Leandro Paulsen acompanhou o entendimento do relator e assinalou:

“Consoante afirmei quando da análise introdutória acerca dos delitos de lavagem de capitais, para que reste tipificado o crime previsto pela Lei 9.613/98 é imperioso que estejam presentes os verbos nucleares atinentes à 'ocultação' ou 'dissimulação' dos valores provenientes de infração penal. **A entrega de recursos em espécie, nas circunstâncias comprovadas nos autos, com a devida vênia aos argumentos empreendidos pelo parquet, não constitui qualquer espécie de manobra tendente a outorgar aparência de licitude aos recursos auferidos mediante sucessivas fraudes no âmbito da PETROBRAS S.A.. Trata-se de mero exaurimento dos crimes já consumados, porquanto especificamente nos casos ora analisados não houve qualquer 'engenharia jurídica' no sentido de afastar os recursos de sua origem espúria.** Sendo assim, prestigio in totum o voto do relator para negar provimento ao recurso ministerial quanto a tal aspecto.

 Na linha do entendimento exposto, no presente caso não houve a descrição mínima de nenhuma *engenharia jurídica* para afastar os recursos de sua alegada origem ilícita. Aliás, a denúncia, como visto, beira a inépcia pela absoluta falta de qualquer descrição, senão aquela genérica equi­valente ao núcleo do tipo penal.

 Em suma, a imputação é limitada à entrega de valo­res em espécie, mediante transporte rodoviário, nada mais. A suposta presença de interpostas pessoas para o transporte e o recebimento, com o devido respeito, nas circunstâncias da acusação, são irrelevantes, na linha do entendimento já consagrado por essa c. Corte no julgamento da citada AP 470/DF.

**Observo, por oportuno, que o recebimento de numerário por interposta pessoa não caracteriza necessariamente o crime de lavagem de dinheiro.** É que tal artifício, com efeito, é largamente utilizado para apercepção da propina. **Jamais, quiçá, a vantagem indevida é recebida diretamente, à luz do dia**”[[4]](#footnote-4)

 Inviável, portanto, a tipificação do delito de lava­gem de capitais, impondo-se a absolvição do acusado Ernesto.

**5. Contrariedade ao artigo 384 do Código de Processo Penal: quebra do princípio da corre­lação**

 **5.1.** Como se sabe, o acusado se defende dos fatos impu­tados na inicial acusatória, sendo que no Estado democrático de direito se exige des­cri­ção clara, precisa, completa, detalhada de um fato típico, de uma conduta abs­tra­tamente prevista como infração penal, pena de violação ao devido processo legal.

 Não é por outra razão que o Pacto de São José da Costa Rica estabelece como “***garantia mínima*** (...) **a *comunicação prévia e por­menor­rizada ao acusado da acusação formulada*** (art. 8, 2, b).

 **5.2.** Nas páginas 63-65 das alegações finais, a PGR alterou significativamente a imputação do crime de corrupção passiva, atribu­indo aos acusados Paulo Bernardo e Gleisi Hoffmann a prática de atos em concurso com Paulo Roberto Costa (p. 63) e crime na modalidade omissiva, atribuído exclusivamente à Gleisi HOffmann (p. 64), que não havia sido minimente descrito na denúncia.

 Também no que diz respeito ao acusado Paulo Bernardo, as alegações finais da PGR inovaram ao lhe atribuir a realização de atos de lavagem em concurso com Alberto Youssef.

 **5.3.** A alteração da imputação atinge diretamente o acusado Ernesto Rodrigues, pois, como se demonstrou em tópico anterior, a denúncia lhe dirigiu a prática de **um** crime de *corrupção passiva* e **um** crime de lavagem de capitais, em concurso de agentes com os outros dois acusados (*art. 29 do CP*). Logo, a ofensa ao princípio da correlação acarreta prejuízo direto ao constitucional direito de defesa do ora arguido.

 O legítimo e pleno exercício do direito de defesa pressupõe não apenas o comportamento passivo do acusado, garantindo-se tam­bém a possibilidade de se defender produzindo prova da inocên­cia.

 O horizonte probatório, por sua vez, é estabelecido justamente pelos limites do caso penal delineados na peça acusatória, evitando-se a possibilidade de alterações intempestivas e que possam impedir, de alguma forma, o exercício do direito de defesa.

 **5.4.** A violação ao princípio da congruência fica eviden­ciada através do contraste entre a denúncia e as alegações finais da PGR, notadamente em virtude da ausência de imputação, a todos os acusados, de per­ten­cimento à alegada organização criminosa objeto de persecução na *Operação Lava Jato*. Com efeito, a denúncia jamais imputou e nem sequer insinuou que os acusados pertenceriam a qualquer um dos quatro núcleos da organização criminosa, não sendo possível deduzir, apenas em sede de alegações finais, concurso de crimes com membros integrantes dos *núcleos administrativo* e *financeiro* da indigitada organização criminosa.

 **5.5.** A alteração implica, ainda, abuso da linha do tempo estabelecida na peça acusatória, pois a narrativa da PGR viaja para o passado e volta ao futuro, sem qualquer preocupação, primeiro, com a congruência lógica dos fatos, depois, e o que é mais grave, com a coerência entre os fatos narrados na inicial e versão constante das alegações iniciais, repita-se.

 **5.6.** As significativas alterações no libelo acusatório repre­­sentam ofensa aos artigos 8, 2, b, do Pacto de San José, 5º, LIV e LV, da Constituição, e 384 do CPP, e oferecem risco de nulidade ao caso penal caso sejam levadas a termo por essa c. Segunda Turma do STF.

**6. Ausência de configuração do crime de corrupção passiva imputado na denúncia, a partir da prova produzida nos autos. Absolvição por manifesta ausência de provas.**

 **6.1.** A acusação não se desincumbiu do ônus de demons­trar a ocorrência do crime previsto no art. 317 do Código Penal. Muito pelo contrário, a prova produzida na instrução demonstrou justamente que a hipótese típica não se concretizou.

 Como já foi dito, a alegada **solicitação de repasse** de vantagem indevida, supostamente ocorrida no início de 2010, não pode sig­nificar (*novo*) momento de consumação de crime que, na própria versão da PGR e no contexto da Operação Lava Jato, teria sido consumado no ato de rece­bimento da propina destinada a Paulo Roberto Costa, através de Alberto Youssef.

 A despeito disso, esse suposto novo evento de soli­ci­tação **não** está minimamente demonstrado e sustentado por elementos de prova idôneos, o que impede absolutamente um juízo de condenação.

 **6.2.** Primeiro, é imperioso observar que a ocorrência dessa suposta relação de solicitação de repasse de propina entre Paulo Roberto Costa e Paulo Bernardo está fundada **exclusivamente** nos depoi­mentos dos colaboradores premiados e em documentos unilaterais por eles apresentados. **Não há prova de corroboração minimamente idônea.**

Com efeito. As alegações finais da PGR não deixam dúvidas a respeito. Acompanhando-se a narrativa que se inicia na p. 30 (fl. 2.727), sob a rubrica ***a prova dos pagamentos a Gleisi Hoffmann****,* a PGRpassa pelo depoimento de Paulo Roberto Costa, atribuindo-lhe o conceito de *seguro e categórico*, pelo depoimento de Delcídio do Amaral, pelo depoi­mento de Ricardo Pessoa, pelo depoimento de Pedro Corrêa, pelo depoi­mento de Fernando ‘Baiano’*,* e pelo depoimento de Alberto Youssef.

 A despeito das contradições deliberadamente igno­ra­das pela PGR e da manipulação desses depoimentos para servir aos seus propósitos acusatórios (*o que não será objeto de análise aqui, mas sim mais a frente*) **é incontroverso que a ocorrência do núcleo essencial do tipo do delito de corrupção passiva está exclusivamente sustentado nas palavras dos colaboradores.**

De modo subjacente à versão dada pelo colaborador Paulo Roberto Costa, a PGR atribui notório destaque à anotação manual existente na sua agenda que foi arrecadada em sede de busca e apreensão, para daí concluir que está *afastada qualquer dúvida em relação ao efetivo pagamento do montante de R$1.000.000,00*.

 Trata-se da multifárias vezes citada anotação ***‘1,0 PB’*** estampada na figura lançada na p. 51 das alegações finais (f. 2.748).

 Com a devida vênia, o conceito de prova destinada a afastar qualquer dúvida razoável sobre fato penalmente relevante que possui a PGR deve ser urgentemente revisto e corrigido.

 No âmbito de ação penal em que incumbe à acusa­ção a prova de suas imputações, cabendo ao requerido tão somente suscitar dúvida razoável que se caracterize suficiente a fragilizá-las, não basta haver convicção. Não bastam indícios, como ocorre no momento do recebimento da denúncia. Para que se legitime a condenação, são indispensáveis provas acima de qualquer dúvida razoável.

Essa exigência probatória, garantia fundamental à luz de um Estado Democrático de Direito, não pode se sustentar **exclusi­va­mente** em declarações de colaboradores premiados, como aliás prevê expres­samente a Lei nº 12.850/13 em seu art. 4º, §16.

Como bem pontuou o e. Ministro Celso de Mello na Petição 5.700, a chamada colaboração premiada “...*acha-se legalmente disciplinada como instrumento de obtenção de dados e subsídios informa­tivos*”[[5]](#footnote-5). Em razão disso, é defeso, no direito sancionatório brasileiro, condenar-se com fundamento exclusivo em delação, ou seja, em que o único fundamento que se tem são as declarações do agente colaborador, o que tem sido reiterado por recentes precedentes da Corte Suprema.

Com base nessa impossibilidade de condenação com suporte unicamente em depoimento prestado pelo agente colaborador, de acordo com o Ministro Celso de Mello no caso precitado, tem-se “*importante limitação de ordem jurídica que, incidindo sobre os poderes do Estado, objetiva impedir que falsas imputações dirigidas a terceiros ‘sob pretexto de colaboração com a Justiça’ possam provocar inaceitáveis erros judiciários, com injustas condenações de pessoas inocentes*”.

Além disso, **não** é admitida, também, a denominada “***corroboração recíproca ou cruzada***”, na medida em que não é possível impor condenação ao réu pelo fato de contra este existir unicamente depoimento de agente colaborador que tenha sido confirmado, tão somente, por outros agentes colaboradores, ainda que ambas as delações tenham conteúdo semelhante ou concordante.

 Com isso, busca-se evitar, em favor de quem sofre a imputação emanada do agente colaborador, os mesmíssimos efeitos perversos da já conhecida denunciação caluniosa, sob pena de verdadeira afronta ao §16, do art. 4º, da Lei nº 12.850.

Nesse sentido, veja-se o importante entendimento doutrinário de Gustavo Badaró:

O § 16 do art. 4º da Lei 12.850/13 aplica-se a todo e qualquer regime jurídico que preveja delação premiada. O § 16 do art. 4º da Lei nº 12.850/13, ao não admitir a condenação baseada exclusivamente nas declarações do delator, implica uma limitação ao livre convencimento, como técnica de prova legal negativa. **É insuficiente para o fim de corroboração exigido pelo § 16 do art. 4º da Lei 12.850/13 que o elemento de confirmação de uma delação premiada seja outra delação premiada, de um diverso delator, ainda que ambas tenham conteúdo concordante**. **Caso o juiz fundamente uma condenação apenas com base em declarações do delator, terá sido contrariado o § 16 do art. 4º da Lei nº 12.850/13, sendo admissível o recurso especial para o controle da violação de tal regra legal sobre prova**.[[6]](#footnote-6)

Em consequência, colaboração premiada do corréu ou de terceiros, ainda que sob o crivo do contraditório, por certo não confere à sua versão a natureza de testemunho, pois o *compromisso de dizer a verdade*, imposto ao delator ou colaborador, é condição indispensável para a manutenção do acordo, mas não tem o condão de lhe atribuir o *status* de testemunha.

 Quando muito, seria um elemento de informação, uma prova anciliar, verdadeiro juízo provisório sobre a existência de indícios de autoria e ao qual sucederá a prática de atos instrutórios em tese aptos à obtenção de outros elementos probatórios.

 No caso em análise, porém, em relação ao núcleo da tipicidade do delito de corrupção ativa, a *prova* da acusação está exclusi­vamente fundada no depoimento dos colaboradores e na anotação pessoal e manuscrita de Paulo Roberto Costa. **Nada mais.**

Em recentíssimo julgamento, essa c. Segunda Turma teve a oportunidade de rejeitar a denúncia oferecida no bojo do INQ 3994/DF, prevalecendo o voto-vista do eminente Ministro Dias Toffoli.

 No âmbito da imputação inerente ao delito de corrupção, inclusive o e. Relator, Ministro Edson Fachin, rejeitou a acusação ***por ausência de elementos suficientes para o recebimento da denúncia.***

*Por ausência de elementos suficientes para o recebimento da denúncia, no entanto, o relator rejeitou a acusação de que o deputado federal Arthur Lira teria, na sede da UTC Engenharia S/A em São Paulo, solicitado e recebido diretamente de Ricardo Pessoa o pagamento de vantagem indevida no valor de R$ 1 milhão.* ***Nesse caso, segundo o ministro, há fragilidade na versão dos colaboradores, que não foi corroborada por outros elementos probatórios.*** *O ministro afastou também a causa de aumento de pena prevista para corrupção passiva (artigo 327, parágrafo 2º, do Código Penal), pois, segundo a juris­prudência do STF, ela não é aplicável pelo mero exercício do mandato parlamentar, e também a majorante prevista em dispositivo da Lei de Lavagem de Dinheiro (artigo 1º, parágrafo 4º, da Lei 9.613/1998)[[7]](#footnote-7).*

 Por sua vez, o Ministro Dias Toffoli, em percu­ci­ente voto já disponibilizado publicamente, procedeu à análise de contexto fático-probatório idêntico ao presente caso.

 Embora a acusação no INQ 3994/DF seja mais complexa e mais abrangente que aquela levada a efeito nesta ação penal, observe-se os seguintes fatos específicos analisados naquele caso:

1.1.3. Em 16/06/2010, 03/02/2011, 24/02/2011 e 07 /07/2011, em São Paulo/SP, BENEDITO DE LIRA, na condição de Deputado Federal e posteriormente de Senador pelo Partido Progressista - PP, de modo livre, consciente e voluntário, em unidade de desígnios C0111 o seu filho, ARTHUR CÉSAR PEREIRA DE LIRA, na época Deputado Estadual e posteriormente Deputado Federal pelo Partido Progressista de Alagoas, **solicitou**, aceitou promessa nesse sentido e recebeu o valor total de **R$ 1.000.000,00 (um milhão de reais),** em dinheiro **em espécie**, **retirado parceladamente do escritório de ALBERTO YOUSSEF, para custear gastos de sua campanha eleitoral de 2010 ao Senado**. O montante consistia em **propina oriunda do "caixa de vantagens indevidas" administrado pelo doleiro em função do esquema de corrupção e lavagem de dinheiro** 3 Em revisão INQ 3994/DF relacionado à **Diretoria de Abastecimento da PETROBRAS, na época ocupada por PAULO ROBERTO COSTA**, por indicação do PP, o qual foi **indevidamente mantido no cargo em decorrência do apoio prestado pelo beneficiado**, juntamente com outros parlamentares da agremiação partidária em questão. Foram praticados pelo menos 4 (quatro) atos de solicitação, aceitação de promessa e recebimento de vantagem indevida, em diferentes circunstâncias de tempo, lugar e maneira de execução. Assim, agindo dolosamente, BENEDITO DE LIRA cometeu o crime ele corrupção passiva qualificado, em concurso de pessoas e em concurso material, previsto no art. 317, § 1°, cumulado com o art. 327, § 2°, combinado com os arts. 29 e 69, todos do Código Penal.

(...)

1.1.6. Em 16/06/2010, 03/02/2011, 24/02/2011 e 07/07/2011, em São Paulo/SJ, BENEDITO DE LIRA, na condição de Deputado Federal e posteriormente de Senador pelo Partido Progressista - PP, de modo livre, consciente e voluntário, em unidade de desígnios com o seu filho, ARTHUR CÉSAR PEREIRA DE LIRA, na época Deputado Estadual e posteriormente Deputado Federal pelo Partido Progressista de Alagoas, recebeu vantagem indevida (propina) no valor total de R$ 1.000.000,00 (um milhão de reais), tendo o recebimento ocorrido em dinheiro em. espécie, como estratégia de ocultação e dissimulação da natureza, origem, localização, disposição, movimentação e propriedade de valores provenientes, direta ou indiretamente, do crime de corrupção passiva já descrito. Foram praticados pelo menos 4 (quatro) atos de recebimento de valores em espécie, em diferentes circunstâncias de tempo, lugar e maneira de execução, de forma reiterada e no âmbito de organização criminosa. Assim, agindo dolosamente, BENEDITO DE LIRA cometeu, no mínimo 4 (quatro) vezes, o crime de lavagem de dinheiro qualificado, em concurso de pessoas e em concurso material, previsto no art. 1º § 4°, da Lei n. 9.613/1998, combinado com os arts. 29 e 69, ambos do Código Penal.

1.2.3. Em 16/0612010, 03/0212011, 24/0212011 e 07/0712011, em São Paulo/SP, ARTHUR CÉSAR PEREIRA DE LIRA, na condição de Deputado Estadual e posteriormente de Deputado Federal pelo Partido Progressista, de modo livre, consciente e voluntário, em unidade de desígnios com o seu pai, BENEDITO DE LIRA, na época Deputado Federal e posteriormente Senador pelo Partido Progressista de Alagoas, solicitou, aceitou promessa nesse sentido e recebeu o valor total de R$1.000.000,00 (um milhão de reais) em dinheiro em espécie, retirado parceladamente por ele mesmo do escritório de ALBERTO YOUSSEF, para custear gastos da campanha eleitoral de seu genitor ao Senado em 2010. O montante consistia em propina oriunda do "caixa de vantagens indevidas" administrado pelo doleiro em função do esquema de corrupção e lavagem de dinheiro relacionado à Diretoria de Abastecimento da PETROBRAS, na época ocupada por PAULO ROBERTO COSTA, por indicação do PP, o qual foi indevidamente mantido no cargo em decorrência do apoio prestado pelo beneficiado, juntamente com outros parlamentares da agremiação partidária em questão. Foram praticados pelo menos 4 (quatro) atos de solicitação, aceitação de promessa e recebimento de vantagem indevida, em diferentes circunstâncias de tempo, lugar e maneira de execução. Assim, agindo dolosamente, ARTHUR CÉSAR PEREIRA DE LIRA cometeu, no mínimo 4 (quatro) vezes, o crime de corrupção passiva qualificado, em concurso de pessoas e em concurso material rial, previsto no art. 317, § 1º, cumulado com o art. 327, § 2°, combinado com os arts. 29 e 69, todos do Código Penal.

(...)

1.2.7. Em 16/06/2010, 03/02/2011, 24/02/2011 e 07/07/2011, em São. Paulo./SP, ARTHUR CÉSAR PEREIRA DE LIRA, na condição de Deputado Estadual e posteriormente de Deputado. Federal pelo Partido Progressista, de modo livre, consciente e voluntário, em unidade de desígnios com o seu pai, BENEDITO DE LIRA, na época Deputado. Federal e posteriormente Senador pelo Partido. Progressista, recebeu, por intermédio. de ALBERTO YOUSSEF, vantagem indevida (propina) no valor 10 Em revisão INQ 3994 / DF total de R$ 1.000.000,00 (um milhão. de reais), tendo o recebimento ocorrido em dinheiro em espécie como estratégia de ocultação e dissimulação da natureza, origem, localização, disposição, movimentação e propriedade de valores provenientes, direta ou indiretamente, do crime de corrupção passiva já descrito. Foram praticados 4 (quatro) atos de recebimento de valores em espécie, praticados diretamente por ARTHUR CÉSAR PEREIRA DE LIRA, em diferentes circunstâncias de tempo, lugar e maneira de execução, de forma reiterada e no âmbito de organização criminosa. Assim, agindo dolosamente, ele cometeu, 4 (quatro) vezes, o crime de lavagem de dinheiro qualificado, em concurso de pessoas e em concurso material, previsto no art. 1°, § 4°, da Lei n. 9.613/1998, combinado com os arts. 29 e 69, ambos do Código Penal.

 Sobre esses fatos, o e. Ministro Dias Toffoli assim se manifestou em entendimento absolutamente aplicável ao presente caso:

III) Finalmente, quanto ao item **“4.3 Recebimento de valores em espécie (fatos dos itens 1.1.3, 1.1.6, 1.2.3, 1.2.4, 1.2.7, 1.2.8, 1.3.2 e 1.3.4)”**, narra a denúncia que

“[u]ma quantia considerável de recursos oriundos do esquema de corrupção e lavagem de dinheiro relacionado à Diretoria de Abaste­ci­mento da PETROBRAS foi usada para custear despesas da cam­panha de BENEDITO DE LIRA ao Senado em 2010, por meio da entrega de valores em espécie por parte de ALBERTO YOUSSEF a ARTHUR LIRA no ano de 2010, antes das eleições, e no início de 2011, depois do pleito. No total, foi repassado dessa forma o montante de R$ 1.000.000,00 (um milhão de reais). O fato foi objeto de anotação em agenda de PAULO ROBERTO COSTA apreendida durante a "Operação Lava Jato". Eis a imagem das páginas que contêm o registro: (…) Na página do lado direito constam os valores repassados em "2010" para o Partido Progressista e para o Senador BENEDITO DE LIRA. O valor "28,5" significa R$ 28.500.000,00 (vinte e oito milhões e quinhentos mil reais) repassados no total à agremiação partidária em questão ("pp"). O valor "1,0" significa R$1.000.000,00 (um milhão de reais) repassados a BENEDITO DE LIRA ("BL"). As anotações foram feitas por PAULO ROBERTO COSTA a partir de documento de controle de distribuição de propina por ele encontrado, na época, no escritório de ALBERTO YOUSSEF. O fato foi tratado no Termo de Colaboração n. 24 de PAULO ROBERTO COSTA (fls. 16/18 do Inquérito n. 3994/DF). A situação restou mais bem esclarecida no Termo de Declarações Complementar n. 13 do ex-Diretor de Abastecimento da PETROBRAS: "QUE, mostrada a agenda do depoente apreendida pela Polícia Federal, na parte em que consta uma lista de siglas acompanhadas de números, ele ressaltou que copiou a referida lista de uma tabela que se encontrada no escritório de Alberto Youssef; QUE normalmente Alberto Youssef não apresentava ao depoente essas tabelas de repasse de valores; QUE o depoente copiou a tabela para ter uma noção do que havia sido repassado a agentes políticos, que viviam perturbando o depoente; QUE, esclarecendo as siglas, afirma que: ( .. .) '1,0 Bl' significa um milhão de reais pagos a Benedito de Lira" (fls. 70/77 do Inquérito n. 3994/DF). A entrega dos valores em espécie ocorreu de forma parcelada, por meio de contatos diretos entre ALBERTO YOUSSEF e ARTHUR LIRA, nas ocasiões em que o Deputado Federal compareceu ao escritório do doleiro, nas datas de 16/06/2010, 03/02/2011, 24/02/2011 , 07/07/2011. Sobre o assunto Termo de Declarações, ALBERTO YOUSSEF afirmou: "QUE ARTHUR LIRA foi várias vezes ao escritório do declarante, na Av. São Gabriel, esquina com a Rua Tabapuã, entre os anos de 2010 e 2011, para pegar propina em espécie; QUE os registros de entrada dele estavam em nome da empresa JPJPAP ASSESSORIA E PARTICIPAÇÕES S/C LTDA." (fls. 906 do Inquérito n. 3994/DF). Além disso, no final do ano 2011, quando já havia ocorrido a mudança na cúpula do Partido Progressista, ARTHUR LIRA solicitou diretamente a RICARDO RIBEIRO PESSOA o valor de R$ 1.000.000,00 (um milhão de reais), condicionando a manutenção da UTC ENGENHARIA S/A no esquema de corrupção e lavagem de dinheiro relacionado à Diretoria de Abastecimento da PETROBRAS ao efetivo pagamento dessa quantia. A solicitação foi feita no dia 10/1012011, na sede da UTC em São Paulo, em reunião entre ARTHUR LIRA e RICARDO RIBEIRO PESSOA, conforme anotação na agenda do empreiteiro. Na ocasião, ARTHUR LIRA foi recebido pela secretária de RICARDO RIBEIRO PESSOA na UTC, de nome MARIA DE BROTAS. O pagamento ocorreu algumas semanas depois, antes do fim do ano de 2011. O repasse dos valores aconteceu mediante entrega de dinheiro em espécie, o qual foi retirado na sede da UTC ENGENHARIA S/A em São Paulo. Na época, a empresa conseguia dinheiro em espécie para pagamento de propina, no esquema de corrupção e lavagem de capitais relacionado à PETROBRAS, por meio de ADIR ASSAD. (…) A empresa de ADIR ASSAD usada no caso foi a SM TERRAPLENAGEM LTDA. Com a empresa SM TERRAPLENAGEM LTDA. a UTC ENGENHARIA S/A firmou contratos completamente fictícios, destinados apenas à obtenção de dinheiro em espécie, para fins de pagamento de propina. A inexistência de fato da SM TERRAPLENAGEM LTDA., a ausência da efetiva prestação dos serviços à UTC ENGENHARIA S/A e a inidoneidade das notas fiscais emitidas na relação entre as duas empresas foi constatada pela Receita Federal do Brasil no âmbito da ação fiscal objeto do Processo Administrativo n.13896.722648/2014-59, tendo sido constituídos créditos tributários contra a empreiteira no valor total de R$137.079.253.48 (…). A tabela abaixo aponta os dados das operações realizadas entre a UTC ENGENHARIA S/A e a SM TERRAPLENAGEM LTDA. no período do pagamento da vantagem indevida a ARTHUR LIRA: (…) De acordo RICARDO RIBEIRO PESSOA, os valores em espécie foram retirados na sede da UTC em São Paulo pelo próprio ARTHUR LIRA. A entrega foi feita pelo Diretor Financeiro da empresa, WALMIR PINHEIRO SANTANA, que pode confirmar o fato.’

Como se observa, **milita em desfavor dos denunciados, tão somente, a palavra dos colaboradores premiados Ricardo Ribeiro Pessoa, Alberto Youssef e Walmir Pinheiro Santana. Uma vez mais, não me olvido de que, em sua contabilidade paralela, os colaboradores premiados teriam feito anotações pessoais que supostamente traduziriam pagamentos indevidos aos parlamentares federais. Ocorre que uma anotação unilateralmente feita em manuscrito particular não tem o condão de corroborar, por si só, o depoimento do colaborador, ainda que para fins de recebimento da denuncia. Como já ressaltado anteriormente, se o depoimento do colaborador necessita ser corroborado por fontes diversas de prova, evidente que uma anotação particular dele próprio emanada não pode servir, por si só, de instrumento de validação. Nesse contexto, também falta justa causa para o recebimento da denúncia quanto às imputações em questão (“4.3 Recebimento de valores em espécie - fatos dos itens 1.1.3, 1.1.6, 1.2.3, 1.2.4, 1.2.7, 1.2.8, 1.3.2 e 1.3.4)”**

**(grifamos)**

 Desse modo, salta aos olhos a absoluta impossibi­lidade de legitimar-se um juízo condenatório a partir de imputação que está sustentada exclusivamente em depoimentos de colaboradores e em anotação pessoal de colaborador.

 Observe-se, ademais, que os outros supostos ele­men­tos de corroboração referidos pela PGR nada mais são do que também depoi­mentos de colaboradores – Antonio Carlos Pieruccini e Rafael Angulo, suas percepções pessoais e documentos unilateralmente por eles entre­gues, mas, a despeito da fragilidade e das contradições que serão identi­ficadas, tudo exclusivamente sobre aquilo que a própria PGR identifica tão somente como exaurimento do delito de corrupção e nada sobre sua consu­mação.

 Mas não é só.

 **6.3.** Mesmo que fosse possível admitir tão somente a palavra dos colaboradores e a corroboração cruzada, o que se faz apenas por amor ao argumento, evidencia-se que as **flagrantes** **contradições** entre as ver­sões de Paulo Roberto Costa e Alberto Youssef, no que tange à **origem do pedido** (*quem pediu a quem*) estabelecem **dúvida razoável não dirimida pela instrução**.

 Com o devido respeito, a PGR incorre em grave equívoco ao afirmar que o depoimento dos colaboradores seria convergente quanto à existência do fato, retirando a importância da grave divergência a respeito da iniciativa do pedido.

 Ora, se eles negam terem feito o pedido e se atri­buem reciprocamente a iniciativa, inclusive em sede de acareação, é duvidosa a própria ocorrência do fato, a não ser que a acusação se satisfaça com a máxima de Xicó, personagem do grande Ariano Suassuna: “*só sei que foi assim*”.

 Ou seja, há **dúvida razoável** sobre esse fato, que se mostra **determinante**, também, para o esclarecimento da acusação delavagem de capitais.

 **6.4.** Além disso, não há prova de que a suposta vanta­gem indevida teria sido recebida “***em razão do cargo***” ocupado por Paulo Bernardo.

 Os depoimentos dos ex-Presidentes Lula e Dilma Roussef demonstraram que a indicação e manutenção do cargo de Diretor da Petrobras era da atribuição pessoal do Chefe do Poder Executivo.

 Logo, os ministérios que estiveram sob o comando de Paulo Bernardo durante o período em que as testemunhas ocuparam a Presidência da República, não detinham atribuição ou competência legal para realizar qualquer ato relativo à administração da Petrobras.

 Ou seja, não há prova de que Paulo Bernardo possa ter sido autor de suposto crime de corrupção passiva, o que aponta para a própria inexistência do delito imputado na peça acusatória.

 **6.5.** Como se sabe, a *compra da função* deve estar rela­ci­onada à esfera de competências do agente público “*pois – caso contrário – o crime a identificar-se será outro (exploração de prestígio, estelio­nato etc.*)”, ensinam Rui Stoco e Tatiana de O. Stoco[[8]](#footnote-8).

 E é nesse sentido, também, a lição de Nélson Hungria: “*o* ***ato ou abstenção*** *a que a* ***corrupção*** *se refere deve ser da com­pe­tência do* ***intraneus,*** *isto é,* ***deve estar compreendido nas suas específi­cas atri­buições funcionais****, pois* ***só neste caso*** *pode deparar-se com um dano efe­tivo ou po­tencial ao regular funcionamento da administração*. *Assim,* ***se um ma­gis­trado*** *(o exemplo é de Carrara)* ***que não vai julgar a causa****,* ***recebe dinheiro para recomendá-la ao colega que vai decidir****, e obter dele a decisão favorável (não se tratando, bem entendido de um intermediário oculto da cor­rupção),* ***não comete o crime de ora se trata, mas o de exploração de pres­tígio*** *(art. 357)*”[[9]](#footnote-9)*.*

 A PGR não desconhece a inexistência de atribuição legal cometida a Paulo Bernardo no que tange à indicação, nomeação ou manutenção de Paulo Roberto Costa para a Diretoria de Abastecimento da PETROBRAS.

 Porém, a acusação pública procurou substituir a compra da função relacionada a esses atos pela suposta ***influência*** decorrente da qualidade de *integrante da alta cúpula do PT* ou Ministro de Estado do Planejamento, responsável pela elaboração do orçamento da União.

 Com o devido respeito, a PGR confunde a elemen­tar normativa “*em razão do cargo*” que, como se viu, diz respeito ao espectro de competência atribuída ao agente público, com a venda de *influência ou prestígio*, elementar normativa do art. 332 do CP (*tráfico de influência*).

 Sempre com todo o respeito, essa confusão é uma constante durante todo este caso e, de resto, no âmbito da *Operação Lava Jato*.

 “*Poder de influência no círculo decisório do Governo Federal” (***alegações finais da PGR, p. 33**) não se confunde com esfera de competência legal, até porque uma coisa nega a outra. Quem detém atribuição obviamente não precisa exercer influência, muito menos sobre si próprio.

 Do mesmo modo, “*apadrinhamento político*” ou “*apoio político*” também não podem ser confundidos com atribuição legal, pois significam mediação, *favorecimento*, *proteção*[[10]](#footnote-10), tratando-se de mero exercício de *poder político*;novamente, *influência* sobre agentes, estes sim, titulares de *competência* para o *exercício da função* correspondente ao *cargo público* de que fala o tipo do art. 317 do CP.

 O exemplo de Hungria acima referido é esclare­cedor, sendo o caso de novamente invocar-se a lição do grande Professor, agora para explicar que, no crime do art. 332 do CP “...***o agente atribui-se****, persu­asivamente,* ***influência sobre o funcionário****,* ***comprometendo-se a exercê-la em favor do interessado perante a administração pública*** *em troca de* ***obtenção de vantagem ou promessa de vantagem****, para si próprio ou para outrem, como* ***preço da mediação***”[[11]](#footnote-11).

 Nada obsta que essa persuasão se dê mediante ame­aça da retirada do próprio apoio ou apadrinhamento político, fato efetivamente ocorrido entre 2005 e 2006, ocasião em que Paulo Roberto ficou doente e se viu ameaçado de perder o cargo de Diretor da Petrobras.

 É de todo modo emblemático, ainda, o fato de que a PGR atribuiu a diversos e numerosos políticos, supostamente beneficiados com repasses de propinas, a *manutenção de Paulo Roberto Costa* à frente da *Dire­toria de Abastecimento da Petrobras.* Vejam-se, como exemplo, as denúncias oferecidas em desfavor de Valdir Raupp (AP 1015/DF) e Nelson Meurer (AP 996).

 Novamente, sempre de acordo com as conclusões da PGR, exercia-se poder político, emprestava-se apoio político, mas não se desempenhava função, o que afasta a incidência do tipo do art. 317, atraindo, ainda que por hipótese argumentativa, a aplicação do art. 332 do Código Penal.

 **6.6.** Ainda de acordo com a prova existente no processo, não há dúvidas no sentido de que a acusada Gleisi Hoffmann somente veio a assumir cargo público em 1º de fevereiro de 2011, data em que ela tomou posse como Senadora da República representando o Estado do Paraná.

 Esse fato, incontroverso, afasta a possibilidade de atribuir-lhe a condição de *autor* do crime de corrupção passiva. Mas essa não é a única razão para tanto.

 Desde logo, a defesa de Ernesto explica que a verificação desse fato constitui condição indispensável para cogitar eventual participação (*cumplicidade*) em fatos imputados a supostos agentes públicos, já que ele, na condição de particular, não realiza o tipo de modo autônomo.

 Segundo a inicial acusatória, no início de 2010, Paulo Bernardo teria solicitado o repasse de valores pagos pelas empreiteiras integrantes do cartel, os quais seriam des­ti­nados à campanha de sua esposa, Gleisi Hoffmann, ao Senado.

 Sem prejuízo do que já se argumentou em relação a Paulo Bernardo, importa agora situar a posição jurídica de Gleisi Hoffmann: (i) antes de 2010, (ii) no início de 2010, (iii) durante o período pré-eleitoral de 2010, (iv) após as eleições de 2010 e, finalmente, (v) após o mês de junho de 2011, ocasião em que ela assumiu a pasta de Ministra Chefe da Casa Civil, já no Governo da Presidente Dilma Roussef.

 Antes, no início, ou no período anterior às eleições de 2010, a hoje Senadora Gleisi Hoffman não ocupava nenhuma das funções que lhe foram atribuídas pela denúncia. Havia, apenas, planos para futura candidatura ao Senado, a qual somente se concretizou em 5 de julho de 2010, nos termos do art. 87 do Código Eleitoral.

 Naquilo que se refere à acusada Gleisi Hoffmann, não é possível se falar na elementar *antes de assumir a função*, sob pena de alterar a própria natureza jurídica do delito previsto no art. 317 do CP, dando-lhe tratamento de *crime comum* – *podendo ser praticado por qualquer pessoa que almeje, deseje, vislumbre, ambicione cargo público, conceba a hipótese de, no futuro, vir a ocupá-lo, e, em razão disso, solicite, ou mesmo receba ou aceite vantagem ilícita* – ao invés de considerá-lo *crime próprio*,.

 Bem por isso, faz-se necessário diminuir o alcance da expressão *antes de assumir*, para impedir que se possa fazer uma regressão *ad infinitum* e compreender condutas que nada têm a ver com a Administração Pública.

 Nélson Hungria é categórico ao afirmar que “...*o* ***sujeito ativo somente pode ser o titular*** *ou o exercente de função pública...*”, ressalvando que não é necessário que o agente se ache no exercício atual da função (*daí o alcance das expressões* ***ainda que fora dela*** *ou* ***antes de assumi-la***). “*O que é indispensável* – prossegue o autor – *é que a recompensa seja solici­tada ou recebida, ou seja aceita a correspondente pro­messa, ‘em razão da função’”[[12]](#footnote-12).*

 Ora, o candidato a cargo eletivo jamais pode ser equiparado ao ***titular*** desse mesmo cargo. Ainda na condição de candidato, ele apenas estaria a exercer a plenitude do **direito ao sufrágio** “...*que se materi­aliza no direito de votar, de participar da organização da vontade estatal e* ***no direito de ser votado***”, como ensinam Gilmar Ferreira Mendes, Inocêncio Mártires Coelho e Paulo Gustavo Gonet Branco[[13]](#footnote-13).

 A perspectiva de exercício da função precisa ser objetiva, de modo a que possa ser reconduzida à titularidade do cargo, ainda que ela não tenha se concretizado. Assim, p. ex.: o funcionário aprovado em concurso público, o parlamentar eleito e diplomado, o futuro ocupante de cargo comissionado já nomeado.

 Todos eles têm a perspectiva objetiva de assumir, no futuro, os respectivos cargos (*muito embora ainda não tenham sido empos­sados*) e por isso já podem ser considerados como titulares da função, para efeitos do art. 317 do CP.

 No caso da então candidata Gleisi Hoffmann, ela teria de se submeter, como de fato se submeteu, à vontade do eleitorado, **con­correndo** com outros candidatos igualmente legitimados a postular uma das vagas paranaenses no Senado da República.

 A afirmação constante da denúncia no sentido de que no início de 2010 ela seria forte candidata ao senado é absolutamente improcedente. Primeiro, porque ela não era sequer candidata. Segundo, porque eventuais favoritismos não garantem ou antecipam o resultado das urnas.

 E assim, nos dias de hoje, concluir que ela fatal­mente viria a ser Senadora e, em meados de 2011, Ministra Chefe da Casa Civil, representa um verdadeiro absurdo lógico, pois a PGR tem como certa a possibilidade de prever, no início de 2010, com absoluta precisão, tanto a eleição de Dilma Roussef, como a eleição da acusada Gleisi ao Senado.

 Com o devido respeito, não é possível sujeitar a realização do tipo a evento futuro e incerto, sujeito à vontade terceiros (*o eleitorado, no caso*). O Direito Penal não aceita esse grau de imprevisibilidade, uma álea completamente fora da esfera de controle do agente.

 Portanto, a partir da necessária redução semântica e teleológica da expressão, *antes de assumir a função,* não é possível atribuir a Gleisi Hoffmann a condição de *agente público* (art. 327 do CP) para efeitos da caracterização de autor (*titular do cargo ou função*) atraindo a incidência do art. 317 do CP.

 Na pior das hipóteses, a acusada Gleisi Hoffmann poderia ser considerada, apenas e tão só, beneficiária de valores recebidos das empreiteiras integrantes do Cartel da PETROBRAS, através do esquema coor­denado com Paulo Roberto Costa e Alberto Youssef, desde que houvesse prova irrefutável da ocorrência dos fatos narrados na denúncia, o que não se verificou.

**7. Inexistência de mínima prova de participação de Ernesto Rodrigues em crime de corrupção passiva. Absolvição.**

 **7.1.** Sem prejuízo do que já foi exposto a respeito da ilegitimidade da sustentação exclusiva da imputação do delito de corrupção sobre depoimentos de colaboradores premiados e da anotação pessoal e manus­crita de um deles, é preciso ir além, ainda que em atenção à eventualidade.

 O **crime** de **corrupção** **passiva** é **formal** e consu­ma-se instantânea ou antecipadamente com a mera realização das condutas previstas no tipo (*solicitar ou receber vantagem indevida ou aceitar a promessa de tal vantagem*).

 Cuida-se de **crime próprio**, cuja autoria somente pode ser atribuída àquele que detenha a condição formal e subjetiva de funci­onário público, ainda que esteja dela afastado ou antes mesmo de assumi-la. Importante, porém, é a existência ou a perspectiva da função que constitui objeto de compra e venda[[14]](#footnote-14).

 O tipo **não admite coautoria** em relação ao ***extraneus***. Nada impede que a conduta se dê através de pessoa interposta. Porém, ainda assim, não se trata de coautoria mas sim de *participação no fato do autor*.

 **7.2.** No presente caso, **a acusação não demonstrou qualquer participação de Ernesto** nos **crimes** de **corrupção** em tese ocorri­dos no âmbito da **Petrobras** e, portanto, no **contexto** da **Operação** **Lava** **Jato**.

 Muito pelo contrário, os colaboradores Ricardo Pessoa (fl. 2.424-v/2.425), Paulo Roberto Costa (fl. 2.443-v/2.444) e Alberto Youssef (fl. 2.406-v/2.407) disseram em seus depoimentos que eles não conheciam o acusado Ernesto e assim, consequentemente, jamais interme­diaram qualquer tipo de negociação espúria relacionada à negociação ou ao paga­mento de propina no âmbito da Petrobras.

 No que tange à alegada e não demonstrada *solici­tação de repasse de propina*, a PGR concluiu que esse fato teria sido protagoni­zado exclusiva e diretamente pelo acusado Paulo Bernardo, não obstante, insista-se, a existência de dúvida razoável sobre a sua ocorrência.

 Segundo a própria PGR, portanto, **Ernesto não teve participação nesse fato.**

 **7.3.** Cumpre analisar, com maior detença, a suspeita sobre o suposto recebimento de valores destinados à campanha de Gleisi Hoffmann, episódio em que a PGR indica ter havido a participação do acusado Ernesto.

 Ainda que a PGR faça alguma confusão em suas alegações finais, por ora indicando a relação desse recebimento como exaurimento do crime de corrupção, por ora indicando que se trata de conduta autônoma que se adequaria ao tipo de lavagem de capitais, importante tecer estes destaques neste ponto porque se trata de imputação que envolve aquilo que a PGR nomeia em alegações finais como *contatos para operacionalização dos repasses e a execução das entregas*.

 **A uma**, é preciso rememorar que o nome do acusado Ernesto somente veio a ser referido pelo colaborador Alberto Youssef em seu *termo de declarações complementar nº 09*, **em fevereiro de 2015**, mediante reconhecimento fotográfico provocado pela autoridade policial, a partir do qual fez constar que *confirma, sem sombra de dúvidas e com 100% de certeza, que se trata da pessoa que esteve em seu escritório e para a qual foram entregues os valores de Paulo Bernardo e Gleisi Hoffmann.*

 Calha observar, aliás, que se tratou de reconheci­mento que não cumpriu as mínimas formalidades legais. Como bem adverte Mariângela Tomé Lopes em notável trabalho acadêmico, *“as quatro fases do reconhecimento devem ser respeitadas, quais sejam, indicação das caracterís­ticas pelo reconhecedor, escolha e colocação de pessoas ou coisas semelhantes na frente do reconhecedor, indicação de pessoa ou coisa por parte do reco­nhecedor e elaboração do auto.* ***Estes quatro momentos deverão estar sempre presentes. Faltando um deles, o reconhecimento será nulo e não poderá ser refeito****”[[15]](#footnote-15)*

 E prossegue a autora:

“O descumprimento do rito legal para a realização do reconhecimento acarreta a sua nulidade. Com efeito, há um procedimento para a realização do reconhecimento, composto de quatro fases, todas necessárias para assegurar a eficiência do seu resultado, conforme demonstrado no segundo capítulo deste trabalho.

(...)

Ocorre que a declaração de nulidade do reconhecimento não terá como consequência a reprodução do ato, pois se trata de meio irrepetível de prova e, como tal, só pode ser realizado uma única vez, em razão do caráter sugestionável do ato.

Assim, como regra, se decretada a nulidade de um reconhecimento, este meio de prova deverá ser excluído dos autos e o Estado terá que se valer de outros meios de identificação, caso haja necessidade.

(...)

**Nem a liberdade probatória, nem o livre convencimento, permitem a violação das formas e garantias instituídas pela lei processual, para preservar a autenticidade da prova, a presunção de inocência e a ampla defesa”.**

 (**ob. cit., p. 104, grifamos)**.

 A inserção do acusado Ernesto no bojo deste caso penal, pois, padece de vício de origem. Evidente o prejuízo, impondo-se reco­nhecer a **nulidade daquele reconhecimento inicial**.

 De todo modo, veja-se que o elemento adicional mencionado no reconhecimento, qual seja, o comparecimento do acusado Ernesto no escritório de Alberto Youssef, no escritório da Rua São Gabriel, em São Paulo/SP, é **desmentido** pelas evidências buscadas no âmbito da investigação, na medida em que **o nome do acusado Ernesto não consta em qualquer banco de registros de entrada naquele local.**

 **A duas,** observe-se que o acusado Ernesto com­pareceu perante a autoridade policial em **06 de abril de 2015** (fl. 264), opor­tunidade em que declinou seu endereço residencial (*Rua Pasteur, 300, ap. 191, Batel, Curitiba/PR*), seu endereço comercial atual (*Rua Camões, 600, Alto da VC, Curitiba/PR*) e ainda declinou ter tido relação societária com a empresa *Construsul Ltda*., e que em 2010 tinha sede na *Rua Major Vicente de Castro, Vila Hauer, Curitiba/PR*, e lá desempenhava normalmente suas atividades.

 Em **agosto de 2015**, Alberto Youssef presta **novas** declarações e pela **primeira vez** indica Antonio Carlos Fioravante Pieruccini como possível responsável pelas entregas que diz ter feito ao acusado.

 Conforme consta do **Apenso 1** desta ação penal, Pieruccini veio a celebrar acordo de colaboração premiada, em termo de colaboração prestado em **03 de fevereiro de 2016**, **tendo sido patrocinado pelos mesmos Advogados de Alberto Youssef.**

 Em suas declarações, **coincidente e conveni­en­te­mente**, Pieruccini apresentou 4 (*quatro*) endereços das supostas entregas que teriam sido feitas ao acusado Ernesto: a residência do próprio Pieruccini **e os 3 (*três*) endereços qua já haviam sido declinados pelo próprio Ernesto em suas declarações prestadas quase 1 (um) ano antes.**

 A PGR, em alegações finais, destaca que *“com a fina­li­dade de checar as declarações dos colaboradores, foi empreendida dili­gência in loco, para identificação fotográfica e levantamento dos endereços indicados por Antonio Pieruccini,* ***restando confirmada a sua vinculação com ERNESTO KUGLER RODRIGUES*** *(fls. 606/611)”* (**grifos** do original).

 Vale dizer, a PGR dá destaque à suposta confor­mação da vinculação desses endereços ao acusado Ernesto, como se isso tivesse sido apresentado verificado como novidade a partir das declarações de Pieruccini. **Nada mais inadequado e desconforme a realidade da investi­gação.**

 A referida diligência de fls. 606/611, aliás, é absolutamente imprestável para a finalidade a que se destina. Além dos endereços já terem sido revelados pelo próprio Ernesto **em abril/15**, praticamente um ano antes da indigitada diligência, os vídeos produzidos na (GOPRO0279.mp4 e GOPRO0301.mp4) mostram que, em verdade, **tratou-se de um passeio em viatura não identificada pela cidade de Curitiba/PR, guiado por GPS, tão somente para atestar a existência desses endereços.**

Cabe registrar, ainda, que esses vídeos demonstram a absoluta irresponsabilidade da diligência efetuada, que colocou em risco a segurança de terceiros ao não haver a identificação da finalidade de um veículo descaracterizado estar parado em frente a propriedades particulares, com câmera no console veicular.

 Aquilo que acabou sendo registrado pela diligência em nada difere de uma busca que poderia ser feita em sistemas digitais via satélite, como *Google Street View* ou *Google Earth*. Em verdade, representou mais um lamentável episódio de espetacularização da investigação, sem qual­quer utilidade para os fins almejados, mesmo porque não houve reconhecimento fotográfico interno de cada propriedade.

 Portanto, o laudo de fls. 606/611 e as mídias produ­zidas são absolutamente imprestáveis como elemento de corroboração da versão apresentada por Antonio Pieruccini.

 **A três**, impõe-se notar que as **características dos locais das supostas entregas**, descritas por Pieruccini, esbarram em elemen­tos de prova que foram produzidos nos autos. Notadamente, o **depoimento de Giuseppe Nappa**, proprietário do imóvel situado na *Rua Major Vicente de Castro, 131, Vila Fanny, Curitiba/PR*, que afirmou categoricamente que o imóvel tem as mesmas características desde 2003/2004, **nunca** tendo existido barracão ou obras no ano de 2010, ao contrário do que afirmou Pieruccini (fl. 2.455-v)

 A **quatro**, a versão de Pieruccini é desmentida por outros colaboradores vinculados a Alberto Youssef, a saber, Rafael ângulo e Adarico Negromonte FIlho.

 Enquanto Pieruccini afirma que retirou os valores no escritório de Youssef, em pequenas caixas que estavam em posse de Rafael Ângulo ou Adarico Negromonte Filho, sempre com a identificação PB/Gleisi ou PB/GH, **os dois negam que tenham feito entregas a Pieruccini com vinculação a Gleisi ou Paulo Bernardo**, bem como **negam categoricamente que as caixas em que transportavam valores em espécie tivessem algum tipo de inscrição de identificação do destinatário dos recursos**.

 **A cinco**, Pieruccini estranhamente lembrou ende­reços e peculiaridades de locais, mas não se recordou de datas das supostas entregas. Tão somente uma delas identificou como tendo ocorrido em 03 de setembro de 2010. Em relação às demais, identificou apenas por aproximação, e mesmo assim o fez em flagrante contradição com a afirmação de Alberto Youssef no sentido de que as entregas para Gleisi e Paulo Bernardo teriam iniciado somente tr6es ou quatro meses antes das eleições.

 **A seis**, são igualmente imprestáveis os elementos documentais de corroboração apresentados pelo colaborador Antonio Pieruccini no Apenso 1, a saber, extratos de pedágio *Via Fácil* e contas de seu telefone celular.

 A **imprestabilidade** decorre da **inexistência de via­gem a São Paulo/SP na véspera ou em data próxima à única entrega que diz saber precisar** (*03/09/2010*), o que contraria a versão de que seu proce­dimento era ir a São Paulo/SP e voltar no mesmo dia, ou quando muito no dia seguinte, bem como pela **ausência de qualquer ligação originada em seu telefone celular em direção aos terminais que foram identificados em nome de Ernesto**.

 Ressalte-se que Pieruccini afirmou em Juízo que no ano de 2010 possuía somente um único aparelho celular e que usava esse número para fazer chamadas correlacionadas às entregas que alega ter feito. Mas não há sequer uma chamada destinada a Ernesto.

 A PGR, em alegações finais, apega-se à iden­tifica­ção de uma única chamada telefônica ocorrida em 03/09/2010, originada do celular de Ernesto e endereçada a Pieruccini. Segundo a PGR, essa ligação seria elemento de corroboração porque *“o próprio Ernesto Kugler, em juízo, confirmou o telefonema, embora tenha singelamente dito que não se recorda o tema da conversa”*.

 Com o devido respeito, **a PGR** **omite deliberada­mente elemento essencial do depoimento prestado em juízo por Ernesto**. Ao contrário do que quer fazer crer a PGR, não houve apenas *singela não lembrança do tema*:

RÉU - “A única coisa que existe aí, que eu tive lendo o processo, estive estudando o processo, parece que aparece uma ligação dele pra minha pessoa. Eu, sinceramente, não me recordo dessa ligação lá na época, não tenho nem como recordar porque é uma ligação... achei até rápida aí – um minuto e pouco, eu não me lembro. A única coisa que eu estudei muito nesses últimos dias aí, lendo muito o processo, é que, **na época, este senhor, o senhor Antônio Carlos, o genro dele era meu advogado. Então, provavelmente, alguma coisa tinha com essa ligação aí.**

JUIZ - O senhor pode nominar o genro dele?

REU - Sim, o doutor Aureliano”.[[16]](#footnote-16)

 Essa vinculação familiar de Pieruccini com o Advogado que atendia, à época, os interesses pessoais e empresariais de Ernesto foi comprovada documentalmente pela Defesa na fase do art. 402 do CPP, **tendo a PGR restado absoluta e deliberadamente silente a respeito dessas provas em suas alegações finais**.

 Portanto, parece evidente que no contexto da versão oferecida por Pieruccini – *4 (quatro) entregas, com viagens a São Paulo/SP na véspera e ligações para Ernesto quando de sua chegada a Curitiba/PR ou no dia seguinte* – **não** há como tomar **uma única ligação** oriunda do celular de Ernesto, com duração de menos de um minuto, como elemento de corrobo­ração integral dos fatos relatados pelo colaborador.

 **A sete**, e finalmente neste ponto, é imperioso destacar que a versão de Pieruccini, mesmo durante a instrução criminal, restou contraposta por versões distintas dadas por Alberto Youssef e Rafael ângulo.

 De fato, Youssef afirmou em juízo que acredita ter *“(...) valores que o Pieruccini pegou aqui em São Paulo* ***e também valores que o seu Rafael levou em Curitiba. E eu acredito que uma vez eu também tenha levado e que o Antônio Carlos recepcionou esses valores e entregou para a pessoa****”.[[17]](#footnote-17)*

Ângulo, por sua vez, diz ter levado uma vez dinheiro na casa de Antonio Carlos Pieruccini, e que haveria ali uma pessoa aguardando e que Pieruccini se dirigiu a ele chamando de Ernesto.

 Pieruccini, como visto, embora tenha *recordado* com precisão de endereços vinculados a Ernesto, em nenhum momento referiu a presença de Rafael Ângulo em qualquer das supostas entregas e igualmente nada refere sobre alguma delas ter sido feita mediante transporte de valores pelo próprio Alberto Youssef de São Paulo a Curitiba.

 Em suma, o que se tem a partir dos elementos que a acusação buscou trazer aos autos em corroboração às colaborações é uma confusão de versões contraditórias e excludentes entre si, das quais a PGR convenientemente busca pinçar pequenos pontos de confluência para atribuir-lhes destaque, ignorando e mostrando inadmissível complacência com as versões absolutamente incompatíveis entre sujeitos que celebraram acordos com o Estado-Acusação.

 É evidente a inexistência de elementos probatórios acima de qualquer dúvida razoável em relação aos fatos imputados ao acusado Ernesto, cabendo rememorar, uma vez mais, que o presente caso não cuida de hipótese de recebimento de valores alegadamente na ordem de R$1.000.000,00 (*um milhão de reais*) tão somente com base na versão controvertida de colabo­ra­dores.

 Pela linha seguida pela acusação, poder-se-ia impu­tar o recebimento de R$10, R$20 ou R$50 milhões, bastando para tanto que alguém, tivesse reconhecido essa cifra e que ela estivesse anotada numa agenda pessoal. Nada mais absurdo, com o devido respeito.

 **7.4.** De todo modo, é importante reiterar que o crime de corrupção passiva é *próprio*, pois o tipo somente pode ser realizado pelo *titular ou exercente* do *cargo ou função* objeto da compra e venda. O acusado Ernesto, na qualidade de particular, somente pode ser responsabilizado como partícipe do autor.

 A **participação**, como se sabe, não realiza o tipo de modo autônomo. Ela se caracteriza sempre como **contribuição ao fato do autor**, mediante **instigação** (*determinação dolosa do autor a realizar fato típico*) ou **cumplicidade** (*auxílio material*).

 Como ensina Figueiredo Dias, a ideia central que preside a **participação** é a de que ela cons­titui “*colaboração no facto do autor*” e, por conseguinte, “... *a sua punibilidade supõe a existência do facto principal (doloso) cometido pelo autor (‘facto do autor’)*”[[18]](#footnote-18).

 Desse modo, não havendo nos autos demonstração de que o acusado Ernesto participou do alegado crime de corrupção passiva cometido por Paulo Roberto Costa, Paulo Bernardo e Gleisi Hoffmann (***alegações finais da PGR*, p. 63**) ele deve ser absolvido dessa acusação.

 Importante notar, ademais, que o **limite temporal da participação** é o momento da consumação do crime, como ensina, nova­mente, o grande Professor de CoimbraFigueiredo Dias: “...*por outra parte,* ***a cumplicidade só pode contribuir para a realização do facto******pelo autor enquanto aquele não tiver sido ainda completamente realizado****: uma cumplicidade* ***ex post facto*** *não existe*. *A partir daqui pode-se erigir com segurança o princípio segundo o qual* ***a cumplicidade só é possível e punível até à consumação do ilícito-típico principal***”[[19]](#footnote-19).

 Desse modo, ainda que houvesse prova robusta, fora de qualquer dúvida razoável, a respeito da efetiva ocorrência dos valores destinados à campanha, esse fato não poderia ser considerado como típico para o delito de corrupção.

 Com efeito, o **crime de corrupção passiva** objeto da denúncia teria se **consumado** no momento em Alberto Youssef interme­diou o **recebimento dos valores pagos pelas empreiteiras**, os quais, lembre-se, **já se destinavam** tanto ao **núcleo administrativo**, como ao **núcleo político** da citada organização criminosa.

 Não é possível atribuir a Ernesto Rodrigues nova consumação do crime ou qualquer espécie de adesão a crime já consumado, pois isso implicaria necessariamente considerar que ele realizou novamente o tipo, agora de forma autônoma, sem preencher a condição de agente público.

 Não é possível, igualmente, considerar que ele teria realizado o tipo ao intermediar recebimento de valores em favor de Gleisi Hoffman, seja porque o crime já havia se consumado e esse recebimento significaria mero exaurimento do delito (*pós fato impunível*), seja porque, como se demonstrou, antes das eleições, ela não preenchia a condição de titular de cargo público exigida pelo tipo do art. 317 c/c o art. 327 do CP.

 Veja-se, inclusive, que a própria PGR em suas ale­gações finais, ao descrever a *consciência da antijuridicidade* por parte dos acusados Gleisi e PAulo Bernardo, limita-se, em relação a Ernesto, a afirmar “*ciente disso, aderiu a essas condutas, operacionalizando os pagamen­tos*”. Embora não haja prova alguma dessa *ciência*, percebe-se da própria acusa­ção que a participação do acusado estaria limitada, quando muito, a **posterior** operacionalização de pagamentos.

 Sob todos os pontos de vista, o caso é de absolvição de Ernesto Rodrigues.

**8. Inexistência de prova de autoria ou participação de Ernesto Rodrigues em Crimes de Lavagem de Capitais. Absolvição.**

 **8.1.** A PGR imputou aos acusados a prática de um crime de lavagem de capitais, na modalidade prevista no art. 1º, §4º, da Lei 9.613/98, cuja **redação vigente à época dos fatos** é a seguinte:

*Art. 1º Ocultar ou dissimular a natureza, origem, localização, disposição, movimentação ou propriedade de bens, direitos ou valores provenientes, direta ou indiretamente, de crime:*

*I - de tráfico ilícito de substâncias entorpecentes ou drogas afins;*

*II – de terrorismo e seu financiamento*

*III - de contrabando ou tráfico de armas, munições ou material destinado à sua produção;*

*IV - de extorsão mediante seqüestro;*

*V - contra a Administração Pública, inclusive a exigência, para si ou para outrem, direta ou indiretamente, de qualquer vantagem, como condição ou preço para a prática ou omissão de atos administrativos;*

*VI - contra o sistema financeiro nacional;*

*VII - praticado por organização criminosa.*

*VIII – praticado por particular contra a administração pública estrangeira (arts. 337-B, 337-C e 337-D do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal)*

*Pena: reclusão de três a dez anos e multa.*

(...)

*§ 4º A pena será aumentada de um a dois terços, nos casos previstos nos incisos I a VI do caput deste artigo, se o crime for cometido de forma habitual ou por intermédio de organização criminosa.*

 A denúncia narrou a suposta ocorrência do crime de lavagem em único parágrafo.

“*... A* ***sistemática de pagamento e fruição da propina****, com trans­formação em espécie das quantias pelo operador ilegal, trans­porte oculto, entrega escondida e disfarçada a interposta pessoas e utilização para custeio de campanha eleitoral sem contabi­liza­ção ou qualquer registro* ***foi concebida por todos os envolvidos para ocultar e dissimu­lar*** *a natureza, origem, movimentação e propriedade das quantias ilícitas, consubstanciadas em propina (corrupção passiva), a qual foi disponibilizada por intermédio de organização criminosa*”.

(**denúncia**, **p. 42-43/47**)

 **8.2.** Não obstante a flagrante insuficiência da descrição contida na imputação, tangenciando a flagrante inépcia, é imperioso notar que, ao cabo da instrução processual penal, à luz do contraditório, a tese acusatória não se confir­mou.

 Alberto Youssef foi claro ao dizer que após o recebimento das vantagens indevidas, pagas pelas empreiteiras do cartel, **todos os atos de lavagem de dinheiro foram realizados por ele**.Com efeito, coube-lhe receber pro­pi­nas através de contratos fraudulentos, transformar os valores em espécie, admi­nistrar o *“caixa de propinas*”, organizar o transporte por meios ocultos e proceder à entrega dos valores “*a quem de direito*” (fls. 2.405 – 2.406).

 **Alberto Youssef foi claro, ainda, ao afirmar que Ernesto Rodrigues não teve qualquer participação na organização interna por ele comandada (fl. 2.407)**:



 Ou seja, a instrução demonstrou que Ernesto Rodrigues não concorreu de modo algum para a realização de atos de lavagem de capitais.

 **7.3.** Por amor ao argumento, as alegadas e não demons­tradas entregas supostamente realizadas por Antonio Carlos Pieruccini, não podem constituir crime autônomo de lavagem de capitais, nem mesmo na moda­li­dade alternativa *utiliza, na atividade econômica ou financeira, bens, direitos ou valores que sabe serem provenientes de qualquer dos crimes antecedentes referidos no art. 1º,* prevista na redação original do art. 1º, §2º, com a redação vigente à época dos fatos*.*

 Ainda que se pudesse cogitar, em tese, da fase de *integração* de valores de proveniência ilícita, caberia à acusação demonstrar que Ernesto teria conhecimento de que os valores seriam oriundos dos crimes praticados no âmbito da Petrobras. Porém, não há prova alguma nesse sentido. A PGR simplesmente não produziu um único elemento de convicção, sequer indiciário, que pudesse sugerir tal conhecimento.

 Veja-se, ainda, que, como os fatos ocorreram antes da revisão do texto originário da lei de lavagem, realizada pela Lei 12.63/2012, em 9 de julho de 2012.

 É dizer, a PGR deveria demonstrar que o acusado Ernesto *sabia* que os valores supostamente recebidos *seriam provenientes* de crimes previstosno catálogo do art. 1º, I a VIII, notadamente, *crimes contra a Administração Pública* praticados em prejuízo da Petrobras, conforme o delineamento contido na denúncia e na decisão que a recebeu.

 Muito pelo contrário, demonstrou-se nos tópicos anteriores, que Ernesto não teve qualquer participação em atos de negociação ou intermediação de propinas pagas por empreiteiras e, muito menos, no esquema de lavagem de capitais organizado e realizado sob o comando do colaborados Alberto Youssef.

 Nesse sentido, não havendo prova desse conheci­mento específico, aplica-se ao caso a decisão proferida pelo Pleno do STF, no julgamento da AP 470, assim ementada:

*Embargos infringentes na AP 470. Lavagem de dinheiro.*

*1. Lavagem de valores oriundos de corrupção passiva praticada pelo próprio agente:* ***1.1. O recebimento de propina constitui o marco consumativo do delito de corrupção passiva, na forma obje­tiva “receber”, sendo indiferente que seja praticada com ele­mento de dissimulação****. 1.2. A autolavagem pressupõe a prática de atos de ocultação autônomos do produto do crime antecedente (já consumado), não verificados na hipótese. 1.3. Absolvição por atipicidade da conduta.*

*2. Lavagem de dinheiro oriundo de crimes contra a Adminis­tra­ção Pública e o Sistema Financeiro Nacional. 2.1. A* ***condenação pelo delito de lavagem de dinheiro******depende*** *da* ***comprovação*** *de que o* ***acusado*** *tinha* ***ciência da origem ilícita dos valores****. 2.2. Absolvição por falta de provas*

*3. Perda do objeto quanto à impugnação da perda automática do mandato parlamentar, tendo em vista a renúncia do embargante.*

*4. Embargos parcialmente conhecidos e, nessa extensão, acolhi­dos para absolver o embargante da imputação de lavagem de dinheiro.*

(**AP 470 EI-sextos, Rel. Min. LUIZ FUX, Rel. p/ Acórdão: Min. ROBERTO BARROSO, Tribunal Pleno, DJe-161, 21-08-2014**)

**9. Do Pedido**

Diante do exposto, requer-se que as indevidas e serôdias alterações na imputação sejam desconsideradas, de modo a evitar eventual nulidade provocada com as alegações finais da d. PGR, prosseguindo-se o feito para julgamento na data mais próxima possível, tendo em vista que o acusado Ernesto faz jus à preferência legal constante do art. 71 do *Estatuto do Idoso*.

 Requer-se, por fim, o julgamento pela **improce­dência** **da denúncia** e a **absolvição** do acusado Ernesto Kugler Rodrigues de todas as acusações lançadas na peça acusatória.

 De Curitiba para Brasília/DF, 19 de dezembro de 2017



José Carlos Cal Garcia Filho

OAB/PR 19.114



Daniel Müller Martins

OAB/PR 29.308

1. Veja-se, por oportuno, que a PGR diz expressamente em suas alegações finais que *“Alberto Youssef era operador do PP e atendia demandas de agentes políticos desta agremiação partidária,* ***sendo certo que teria que prestar contas, aos dirigentes do PP, em relação a valores repassados a políticos de outros partidos*** (...)” (*p. 32 das alegações finais, fl. 2.729,* ***grifamos****).* [↑](#footnote-ref-1)
2. Art. 70 - Quando o agente, mediante **uma só ação** ou omissão, **pratica dois ou mais crimes,** **idênticos** **ou não**, aplica-se-lhe a mais grave das penas cabíveis ou, se iguais, somente uma delas, mas aumentada, em qualquer caso, de um sexto até metade. [↑](#footnote-ref-2)
3. STF, Ação Penal 470/MG, Plenário, Rel. Min. Joaquim Barbosa, Julgamento 17.12.2012, voto Min. Rosa Weber. fls.1086 [↑](#footnote-ref-3)
4. STF, Ação Penal 470/MG, Plenário, Rel. Min. Joaquim Barbosa, Julgamento 17.12.2012, voto Min. Ricardo Lewandowski fls.3739 [↑](#footnote-ref-4)
5. Disponível em [*http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/Pet5700.pdf*](http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/Pet5700.pdf). [↑](#footnote-ref-5)
6. **O valor probatório da delação**: sobre o § 16 do art. 4º da Lei nº 12.850/13. Disponível em: [*http://badaroadvogados.com.br/o-valor-probatorio-da-delacao-premiada-sobre-o-16-do-art-4-da-lei-n-12850-13.html*](http://badaroadvogados.com.br/o-valor-probatorio-da-delacao-premiada-sobre-o-16-do-art-4-da-lei-n-12850-13.html). [↑](#footnote-ref-6)
7. Disponível em <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=364616>. [↑](#footnote-ref-7)
8. **Código Penal e Sua Interpretação: doutrina e jurisprudência**. RT: 2007, p. 1469. Alberto Silva Franco e Rui Stoco (coord.). [↑](#footnote-ref-8)
9. **Comentários ao Código Penal**, p. 371. [↑](#footnote-ref-9)
10. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, p. 244. [↑](#footnote-ref-10)
11. **Obra citada**, p. 427. [↑](#footnote-ref-11)
12. **Obra citada**, p. 24. [↑](#footnote-ref-12)
13. **Curso de Direito Constitucional**. Saraiva: 2007, p. 693. [↑](#footnote-ref-13)
14. BITENCOURT, Cezar Roberto. **Tratado de Direito Penal**, Vol. 5. São Paulo: Saraiva, 2007, p. 79. [↑](#footnote-ref-14)
15. **O reconhecimento como meio de prova. Necessidade de reformulação do direito brasileiro.** Tese de Doutorado. 2011. Disponível em[**http://www.teses.usp.br/teses/ disponiveis/2/2137/tde-10092012-160242/pt-br.php**](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2137/tde-10092012-160242/pt-br.php)**.** [↑](#footnote-ref-15)
16. Fls. 2646v [↑](#footnote-ref-16)
17. Fls. 2394, grifamos [↑](#footnote-ref-17)
18. **Direito Penal**, Parte Geral, Tomo I, Coimbra/RT, p. 824. [↑](#footnote-ref-18)
19. **Idem,** p. 832. No mesmo sentido, entre nós, veja-se Nilo Batista, **Concurso de Agentes**, 3.ed., p. [↑](#footnote-ref-19)